

(H)À Educação

Silvia Melo-Pfeifer*
silvia.melo-pfeifer@uni-hamburg.de



Português Língua de Herança: uma (má) língua ou são as más línguas?

De línguas muito se fala, quer seja em termos anatómicos (“línguas de perguntador”, “línguas de bacalhau”, “línguas de trapo”, ...), quer seja em termos linguísticos (“línguas fáceis ou difíceis”, “famílias de línguas”, “línguas minoritárias e maioritárias”, ...). Tudo isto com muitas metáforas à mistura, porque já se sabe que as línguas são pátrias, que das línguas se veem mares e ouvem rumores de desertos e eu imagino que de algumas até se poderão ver estepes, savanas ou gelos eternos.

Da língua que ensinei aos meus filhos, apesar de vivermos na Alemanha, vê-se... a mãe. E os avós e os tios e os primos. Vê-se uma ideia de Portugal e de alegria sazonal. Vê-se uma herança simbólica. E aqui fica a metáfora de que quero falar: a língua de herança. A língua de herança – no nosso caso, o português – é a língua falada por milhares de imigrantes e seus descendentes nos diferentes países para onde emigraram e/ou onde vivem. É a língua que os pais e os avós falam em família, com filhos e netos, numa tentativa de transmissão de algo muito valioso para a coesão da família imigrante e das comunidades portuguesas. Muito importante para a manutenção de uma ligação afetiva a Portugal. A língua de herança convive, lado a lado, com outras línguas no seio da família, designadamente com as línguas que as crianças aprendem na escola, como a(s) língua(s) da sociedade de acolhimento. Por isso, a língua de herança nunca existe isolada na biografia das comunidades imigrantes. O português “lá fora” não é uma ilha, tal como os portugueses não vivem isolados de outras realidades linguísticas. Ora, reconhecer isso implica que se compreenda também que as crianças que aprendem português “lá fora” não “falam mal o português”. Falam um português

que se adquiriu num ambiente em que a língua portuguesa é minoritária e em que a aprendizagem da língua do país de residência é primordial, em termos de socialização e de escolarização. Falam um português que espelha múltiplas pertenças e identificações.

Quando os meus filhos me pedem, em pleno verão e em Aveiro, “mamã, podes comprar-me um ‘Eis’?” (palavra alemã para “gelado”), não estão a falar mal português: estão a falar com os elementos das suas línguas que “têm mais à mão”. Talvez porque a palavra que queriam dizer se tenha escondido “debaixo da língua”. Talvez porque saibam que a mãe vai compreender e a lei do menor esforço seja uma regra tanto para monolíngues como para bilingues!

É aqui que entram as “más línguas”: “os teus filhos ainda não falam mesmo português” ou “mais uns anos e já vão falar português” ou “devias fingir que não os entendes quando te falam em alemão” são alguns dos comentários que costumo ouvir. Eu e milhões de outros membros de famílias na diáspora, já a duvidar das suas capacidades de educadores linguísticos. Estes comentários, em alguns casos vindos de pessoas que declaram só falar português, ilustram alguns estereótipos linguísticos relativamente à transmissão e manutenção da língua de herança que, não sendo mal intencionados, podem ferir as suscetibilidades dos falantes de herança. Conforme já referi, estes falantes conhecem, pelo menos, duas línguas.

Primeiro, convém assinalar que um falante bilingue – e uma criança bilingue – não é o mesmo que dois falantes monolíngues: as línguas não se separam de forma estanque nos nossos cérebros, sendo que há muitas passarelas entre elas e que a forma como são ativadas depende muito do contexto (situação de comunicação, tema e interlocutores, por exemplo). Depois, é preciso reconhecer que as línguas desenvolveram diferentes formas de codificar as suas realidades e que a tradução de uma língua para outra pode, por vezes, ser difícil, senão impossível. Ser bilingue – ou plurilingue – é possuir diferentes filtros para compreender, interpretar e referir a realidade. Outro estereótipo expresso nos comentários anteriormente referidos é que uma língua é um sistema

uno, completo e que se aprende de uma vez por todas. E que se aprendem todas as competências ao mesmo tempo. Ora, no caso das línguas de herança, as competências de expressão e de compreensão oral desenvolvem-se de forma muito mais rápida do que as que passam pelo desenvolvimento da literacia nessas línguas (leitura e escrita), porque as crianças, sobretudo da segunda geração, são alfabetizadas na língua do país de acolhimento. Finalmente, refiro o estereótipo que mais oiço: que mãe e pai devem falar exclusivamente a sua língua, no caso de casais mistos, para as crianças não misturarem as línguas. Mas, se queremos criar crianças bilingues, que se sintam bem nas suas línguas, não devemos dar o exemplo do bilinguismo? Devemos fingir ser monolíngues?

Chamo, finalmente, a atenção para os trabalhos da investigadora Cristina Flores, da Universidade do Minho, que comprovou, através da análise de diferentes casos, que as habilidades linguísticas de crianças e outros falantes de herança na diáspora se desenvolvem mais tarde do que as de falantes monolíngues no país de origem e isto por dois motivos: a quantidade e a variedade de ocasiões para usar e usufruir da língua. Assim, é muito injusto comparar as competências em português de crianças monolíngues e bilingues, de crianças que adquiriram as suas competências “lá dentro” e de crianças que aprenderam “lá fora” (por muito que estas dualidades possam ser discutidas e apresentem diferentes gradações). Dito isto, vou “dar com a língua nos dentes”, sobretudo porque é agosto e há muitas famílias das nossas comunidades imigrantes que nos visitam atualmente: o segredo é nunca desistir e continuar a proporcionar condições de aprendizagem ao falante, mesmo quando, como os meus filhos, digam: “não falo hoje português porque estou ‘müde!’”. Com sotaque e tudo! ◀

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

* Investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro e Professora Associada na Universidade de Hamburgo

OFERTAS Diário de Aveiro

HOJE TEMOS PARA SI

Aveiro Rocks a Lot



4 Diário de Aveiro = 1 CD
* Ver condições em baixo

MUSIC A

Oceanário Sea Life
Mergulhe nas Profundezas do Oceano

SEALIFE

4 Diários de Aveiro = 1 Convite
* Ver condições em baixo

L A Z E R



6 Diário de Aveiro = 1 freepass
* Ver condições em baixo

L A Z E R

DESCONTOS
ATÉ

6 cênt
por litro



Desconto em combustível
Vale € 1,20 em abastecimentos superiores a 20 litros

1. Válido nos postos BP Aveiro En109 Martins & Marcelino, BP Aveiro Forca, BP Albergaria, BP Bustos, BP Estarreja, BP Águeda En1, BP Águeda Talhadas, BP Malaposta, BP Oliveira de Azeméis; 2. Este vale só poderá ser descontado no acto de pagamento de abastecimentos iguais ou superiores a 20LT, até um máximo de 3 vales por abastecimento (60LTs); 3. Este vale não é acumulável com outras campanhas de desconto a decorrer no posto de abastecimento 4. Este vale só é válido para abastecimentos em combustíveis cujos pagamentos não sejam efectuados com cartões: Routex, Azul, Power Plus e de sócio ACP; 5. Nenhuma responsabilidade será aceite nos seguintes casos: perda, roubo ou danificação do vale, quer tenha sido utilizado ou não; 6. Este vale não pode ser trocado por dinheiro; 7. Válido até 30 de Setembro de 2018

* Todas estas acções estão limitadas ao stock existente e são válidas para jornais do dia de hoje, adquiridos ao balcão do Diário de Aveiro e em troca da oferta do Convite. Promoções não acumuláveis entre si. Limitado a 1 oferta por pessoa.

ANTÓNIO VIEIRA DOS SANTOS, LDA.
CAIXILHARIA DE ALUMÍNIO

PORTAS - JANELAS - MARQUISES - DIVISÓRIAS
2ª JANELAS (Para melhor isolamento térmico + acústico + segurança) - OUTRAS
RESGUARDOS: Banheira - Poliban - Outros

R. Arrôta, n.º 45
Póvoa do Valado
3810-758 N.º S.º DE FÁTIMA
AVEIRO

T./F 234 941 653
Tlms. 966 161 676
962 086 589
avsantos@sapo.pt

Café Snack-Bar BEIRA RIO
ALEXANDRE CAETANO

Restaurante
Churrasqueira

Tlm. 912 801 640 * Tlf. 234 934 002
Rua das Rodas REQUEIXO 3800-878 Aveiro